

MÁ-FÉ (SARTRE)

A noção de Má-Fé (*mauvaise foi*) é discutida por Jean-Paul Sartre, na sua principal obra filosófica – *L'Être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique* (Sartre 2014: cap. II), em português *O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (Sartre 2021) –, como uma noção que, embora de uso corrente, tem uma especial inflexão filosófica no contexto de uma abordagem existencialista ao problema da forma e da razão de ser última da liberdade humana.

Em *L'Être et le Néant*, Sartre define a Má-Fé como uma forma auto-inflexida de mentira – ou seja, de maneira apenas *afim* ao que acontece com a mentira explícita a uma outra pessoa, na Má-Fé, essa entidade que cada um de nós é e a que Sartre chama *Para-Si* incorre num desdobramento, temporário e volátil, entre conhecimento e desconhecimento da verdade sobre si próprio. Num episódio ou num estado mais duradouro de sabotagem da verdade devida e sabida *sobre e a si-próprio*, aquele que age de Má-Fé age e pensa dupla e dubiamente: a um tempo conhece e desconhece factos sobre si próprio, assumindo uma posição insustentável de quem *se* diz uma coisa e sabe mais do que diz sobre aquele a quem diz o que diz. (É importante frisar que Sartre *não* concebe a Má-Fé apenas – ou sequer maioritariamente – como um fenómeno discursivo ou linguístico; a mentira em questão é, acima de tudo, uma “mentira existencial”, uma forma de ludíbrio *vivido* por quem está de Má-Fé.)

No sistema filosófico de Sartre, que, mais do que o de qualquer outro filósofo existencialista, coloca uma tónica explicativa muito importante no elemento negativo da ligação da consciência consigo própria – ou seja, no *Nada* enquanto elemento metafísico indispensável a um sistema dualista, isto é, a um sistema que concebe duas grandes regiões ontológicas contíguas mas mutuamente irreconciliáveis, *Em-si* e *Para-si*, bem como sobre as condutas negativas do ser humano –, a noção de Má-Fé é ela própria uma extensão de um sistema filosófico integral. Quer dizer, por causa dessa ênfase no elemento de negação da consciência humana sobre si própria, que Sartre considera definitório e inarraiável, a Má-Fé é descrita como uma característica inevitável de certas constelações da situação humana. Por mais crítica que a descrição sartreana de Má-Fé possa ser, no interior da apresentação dos vários momentos da consciência de si, tal como articulada em *L'Être et le Néant*, há nessa descrição uma

resignação quanto à respetiva associação às tensões últimas que definem a própria natureza humana.

Escreve Sartre:

Em todo o caso, ainda que a existência de Má-Fé seja precária e esta pertença àquele género de estruturas psíquicas a que podemos chamar ‘meta-estáveis’, a mesma não deixa de apresentar uma forma autónoma e duradoira: ela pode mesmo ser o aspeto normal da vida para um grande número de pessoas. Pode-se *viver* na Má-Fé, o que não significa que não se tenham assomos bruscos de cinismo ou de boa-fé, e sim que tal implica um estilo de vida constante e particular. O nosso embaraço neste ponto é extremo, porque não podemos rejeitar nem compreender a Má-Fé. (Sartre 2014: 84; tradução nossa)

De um ponto de vista estritamente formal, o mais interessante da exposição sartreana sobre a noção e a experiência de Má-Fé é a respetiva demarcação da *mentira* (e do ato de mentir). Na mentira – ou, de forma mais relevante, para os propósitos do autor de *L’Être et le Néant*, no *ato de mentir* –, o sujeito conhece a verdade sobre o tópico da mentira, ao mesmo tempo que omite ou nega essa verdade quando, de forma articulada, a *denega* a outrem. Trata-se, como Sartre bem lembra, de “uma conduta de transcendência” (Sartre 2014: 83), porquanto o “quem” visado pela mentira é um *outro* sujeito. Na medida em que mentira e a consciência de mentira implicam uma duplicidade intrapsíquica entre conhecimento do facto *y* e a denegação articulada do mesmo a um outro, puramente justificadas por uma relação intimamente esclarecida com um objeto exterior à consciência, a mentira, pensa Sartre, não oferece um retrato específico sobre a dinâmica ontológica imanente à própria consciência humana. Ou seja, tratar-se-ia, para Sartre, de um fenómeno *mundano* pouco apto a revelar as incoerências típicas da própria consciência e dos elementos negativos que também lhe subjazem.

Fiel ao seu princípio metodológico de explicar elementos e experiências determinantes da realidade humana através da descrição de fenómenos nos quais impera o elemento negativo que move a própria consciência a ser aquilo que ela não é, Sartre utiliza esse móbil para introduzir o fenómeno da Má-Fé (*contrastando-o* com a mentira a outrem), e respetiva relação com as estruturas formais últimas do *cogito*, numa descrição da experiência humana a partir da perspetiva da primeira pessoa.

Justificando as razões pelas quais a Má-Fé *não* é uma simples forma de mentira, Sartre acrescenta: “[a Má-Fé], como já dissemos, é antes mentira *a si*” (Sartre 2014: 83). Que implicações tem uma tal afirmação para a metafísica sartreana como um todo – mais ainda, neste ponto da respetiva exposição em *L'Être et le Néant*?

Sartre define a forma de ser da consciência humana como uma pura transparência a si mesma, como uma homogeneidade minimamente substancial em que não existem falhas ou barreiras auto-referentes (a este respeito, Sartre negará categoricamente a possibilidade de a experiência de Má-Fé ser uma intromissão de material inconsciente sobre a experiência consciente do sujeito de Má-Fé) (Sartre 2014: 84 ss.). Para entender a insistência de Sartre sobre o diferencial absoluto que representa o fenómeno da consciência humana no âmago de um universo inerte e objetual, teremos de focar a análise naquilo que “consciência” significa para o filósofo francês. A mais elementar estrutura da consciência – ou *cogito* pré-reflexivo –, pensa Sartre, é só uma fina película da experiência íntima de si próprio que permite negar a realidade atual e conceber configurações de mundo alternativas à presente. É esta a forma de espontaneidade que é apanágio da própria presença a si e que, quando bem entendida, define o ser da consciência como uma forma irrecusável de liberdade. Liberdade é, pois, para Sartre, liberdade de *negar* cenários e configurações objetais exteriores correntes.

Ora, a volatilidade da experiência de uma mentira a si mesmo deve ainda servir a Sartre para revelar algo sobre a estrutura e a dinâmica interna da consciência humana, por um lado e, por outro, do tipo de experiência concreta que cada um de nós pode fazer *contando com* e *a partir* dessa forma de estrutura intrapsíquica.

A descrição da vivência e do cabimento mental da Má-Fé, tal como definidos e plasticamente ilustrados em exemplos de experiência quotidiana em *L'Être et le Néant* (Sartre 2014: 89 ss.) servirão a Sartre, num momento precoce de exposição da sua teoria definitiva sobre a estrutura da consciência humana (isto é, tal como plasmada em *L'Être et le Néant*, depois de um conjunto de obras de juventude devotadas ao mesmo tópico)¹, para expor os paradoxos inerentes à forma de ser última do Para-Si. Na medida em que aquilo que define a experiência de Má-Fé é uma *constante oscilação* entre a perceção íntima de um conjunto de verdades sobre si-próprio ou dos conteúdos últimos que aparecem ante uma experiência reflexiva sobre a minha consciência de mim, e uma

¹ Veja-se, por exemplo, *La transcendance de l'ego* (Sartre 1992).

omissão desses mesmos conteúdos claramente conhecidos, a Má-Fé revela o ser último da consciência humana como um lapso entre dois planos de imanência: um que reflete e um outro sobre o qual a reflexão opera. *A experiência de Má-Fé é, pois, fenomenologicamente reveladora da estrutura íntima da consciência de si e respetiva oscilação entre um plano pré-reflexivo e um plano reflexivo ou posicional.* E este é justamente um aspeto da discussão sartreana sobre o problema da Má-Fé pouco atendido em comentários sobre *L'Être et le Néant* ou em discussões avulsas sobre a atitude de Má-Fé.

Porém, quer o posicionamento deste afamado capítulo de *L'Être et le Néant* no interior da história conceptual da obra como um todo – isto é, entre o capítulo votado às origens ontológicas da negação (*Primeira Parte, Capítulo I*) e a segunda e mais central discussão da obra, dedicada às estruturas do Para-Si (*Segunda Parte*) –, quer o conteúdo especificamente teórico da exposição confirmam que Sartre pensou a atitude e a experiência subjetiva de Má-Fé como um protótipo disposicional e emocional da consciência íntima de si, que oscila permanentemente entre um patamar de imediatez pré-reflexiva e uma dinâmica secundária de reflexão e consequente auto-aperceção do primeiro nível experiencial. Para Sartre, essa disposição duplicada da consciência reverbera em todos os níveis da experiência humana: da percepção à vivência emocional, da consciência prática à dimensão última da consciência de um projeto pessoal único e irrepitível. A confirmar a dinâmica desta mesma estrutura intrapsíquica na experiência de Má-Fé, Sartre escreve o seguinte:

A própria essência da ideia reflexiva de ‘se dissimular’ alguma coisa implica a unidade de um mesmo psiquismo e, por conseguinte, uma dupla atividade no âmago dessa unidade, tendendo por um lado a manter e ter à vista a coisa a esconder e, por outro, a repeli-la e a escondê-la: cada um dos dois aspetos desta atividade é complementar do outro, o que significa que o implica no seu próprio ser. (Sartre 2014: 87; tradução nossa)

Portanto, analisada à luz da teoria sartreana sobre o *cogito* ou a *consciência-si*², a vivência de Má-Fé, para além de expor uma sabotagem auto-inflétida à pura forma de

² O termo “conscience (de) soi” é cunhado pelo próprio Sartre logo na introdução a *L'Être et le Néant* (“À la recherche de l’être”), nos seguintes termos: “Esta consciência (de) si, não devemos considerá-la como uma nova consciência, mas como o único modo de existência que é possível para uma consciência de

liberdade radical que define a consciência humana (nos termos antes expostos, ou seja, como liberdade insuperável de negar configurações objetais correntes), como mais comumente é caracterizada a noção de Má-Fé no interior do projeto filosófico de Sartre, ainda mapeia conceptualmente e *ilustra*, a partir dos exemplos quotidianos muito circunscritos ao próprio período de composição de *L'Être et le Néant* (Sartre 2014: 89 ss.) usados por Sartre, a dinâmica imanente de autossuperação de estados ou constelações mentais fixas que, de outra forma, igualariam a forma de ser da consciência humana à inércia da identidade coisal. Tal como outras condutas de negação (e outras formas de vivência consciente), a Má-Fé é ainda uma manifestação imanente à própria consciência (si) que revela a condição de ser última que é apanágio da forma de ser humana que, segundo Jean-Paul Sartre, existe estruturalmente *Para-Si*.

Ana Falcato 

FCSH, Universidade Nova de Lisboa

<anafalcato@fcs.unl.pt>

→ Consciência Moral; Sujeito.

Bibliografia

- Sartre, Jean-Paul (2014), *L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique*, Paris, Gallimard, Paris [1943].
- Sartre, Jean-Paul (2021), *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, trad. Victor Gonçalves, Edições 70, Lisboa.
- Sartre, Jean-Paul (1992), *La transcendance de l'ego: esquisse d'une description phénoménologique*, Vrin, Paris.
- Gardner, Sebastian (2009), *Sartre's Being and Nothingness: A Reader's Guide*, Continuum, Londres.

qualquer coisa. Tal como um objecto extenso é forçado a existir em três dimensões, também uma intenção, um prazer, uma dor, não poderiam existir a não ser como consciência imediata (de) si mesmos” (Sartre 2014: 20; tradução nossa).

- Gardner, Sebastian (2017), “Sartre's Original Insight”, *Metodo. International Studies in Phenomenology and Philosophy*, vol. 5, n.º 1, pp. 45-71.